

## CIVILIZAÇÃO DEMOCRÁTICA E LIMIAR DA BARBÁRIE

Paulo Ferreira da Cunha<sup>1</sup>

**Resumo:** Os profetas da desgraça desde sempre acusam o seu tempo de ser pré-apocalítico. Os distraídos e os que lucram com o caos (que sempre os há) assobiam para o lado, assegurando que tudo vai bem, e acusando por seu turno os primeiros de catastrofismo.

Os olhares moderados e com discernimento devem saber ler os sinais dos tempos. Afigura-se-nos que há sinais dos tempos, não necessariamente de fins dos tempos, mas de mudança profunda do estado das coisas, da ordem do mundo, e da própria conceção e projeto de Humanidade. Sempre há nas novas coisas muitos benefícios e maravilhas. Mas também não poucas ameaças, não apenas aos hábitos e costumes naturalmente datados historicamente, mas, e principalmente, a adquiridos tesouros civilizacionais, cujo retrocesso seria (em alguns casos está já a ser) calamitoso e chocante. O presente artigo procura um caminho simples e ao alcance de cada um para ir lidando com os desafios de uma barbárie que cresce. Só para começar...

**Palavras-chave:** Barbárie, Civilização, Educação, Tecnologia, Liberdade, Democracia

**Abstract:** Prophets of doom have always accused their time of being pre-apocalyptic. The distracted, and those who profit from chaos (which there always are), whistle to the side, assuring that everything is going well, and in turn accusing the former of catastrophism.

Moderate and discerning eyes must know how to read the signs of the times. It seems to us that there are signs of the times, not necessarily of the end of times, but of a profound change in the state of things, in the order of the world, and in the very conception and project of Humanity.

There are always many benefits and wonders in the new things. But there are also some threats, not only to habits and customs that are naturally historically dated, but also, and mainly, to acquired treasures of civilization, whose regression would be (in some cases it already is) calamitous and shocking. This article seeks a simple path within everyone's reach to deal with the challenges of growing barbarism. Just to start...

**Keywords:** Barbarism, Civilization, Education, Technology, Freedom, Democracy

---

<sup>1</sup> Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça. Professor Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Porto (funções suspensas para o exercício da magistratura).

*La servitude commence toujours par le sommeil.*

Montesquieu, *De l'Esprit des lois*, XIV, 13.

## I.O SOM E A FÚRIA

Quando, sobre um qualquer tema, onde quer que seja, irrompe, em fúria e desnorte, o espírito sectário, a paixão desenfreada e, frequentemente também, de mãos dadas com estas pulsões primitivas, instintos totémicos de horda (ou o narcisismo egotista sem freio), com a manifestação evidente e chocante do preconceito, tudo pode facilmente degenerar em violência, tudo é já violência – simbólica ou física. Não sabemos qual a pior, em certas circunstâncias, dependendo delas. *Abyssus abyssum invocat*. Abismo chama abismo. Violência chama violência. Só muito sangue frio e alto discernimento sabem parar essa espiral, a que, com linguagem de alpinista, alguns chamam “escalada”. Palavra tão banalizada que duvidamos muitos saibam já o que significa como metáfora. Perda de sentido é o que ocorre com palavras estafadas, corrompidas porque usadas *a torto e a direito*.

As sociedades civilizadas, que o decano Yadh Ben Achour, antigo vice-presidente do Comité de Direitos Humanos da ONU, muito justamente identifica, hoje, com os estados democráticos<sup>2</sup>, possuem mecanismos de suavização ou “acolchoamento” social, de temporização, desde logo de *fair play* e de superação de conflitos.

Trata-se assim de uma civilização universal em construção, que infelizmente vai tendo os seus buracos negros em lugares de desrespeito pelos Direitos Humanos, pelas eleições livres, pelo respeito pelas oposições, pela liberdade de expressão, e tantos outros pilares do nosso modo de viver em conjunto, tão evidentes que infelizmente nem sempre somos capazes de detetar, no seio das nossas próprias sociedades democráticas, Estados de Direito, algumas disfunções que podem desembocar na sua violação, ou configurar pontuais violações mesmo. Embora o que de imperfeito nesse âmbito ocorra no seio do mundo civilizado democrático seja uma gota de água perante os oceanos de terror, dor, mágoa em lugares ou tempos de ditadura.

O filme *Ainda estou aqui*, de Walter Salles, com Fernanda Torres e Fernanda Montenegro, baseado na obra de Marcelo Rubens Paiva, justamente ganhador de óscar

---

<sup>2</sup> Cf. BEN ACHOUR, Yadh / FERREIRA DA CUNHA, Paulo — *Pour une Cour Constitutionnelle Internationale*, Oeiras, A Causa das Regras, 2017, máx. p. 14 ss., p. 20 ss.; e o nosso livro *Repensar o Direito Internacional*, Coimbra, Almedina, 2019, máx. p. 182.

da Academia em 2025, pode ser uma boa introdução (altamente pedagógica) ao que pode ocorrer com uma pacata e alegre família em tempos de trevas. Tocou à porta dos Paiva, poderia tocar à porta de quaisquer uns... Uma das características dos poderes autocráticos é, além de inimigos jurados muito precisos, poderem também exercer violência sobre pessoas um pouco tiradas à sorte, como no caso de Calígula, designadamente na peça homónima de Albert Camus<sup>3</sup>.

Mas voltemos ao simples trato social, que é um sinal, não apenas de possível desrespeito por parte do poder, como pode alertar para uma sociedade em que a dignidade e o respeito devidos a qualquer cidadão se vão degradando. Em que muitos só se curvam pelo medo, e não são capazes de dar alegremente, gratuitamente, um “bom dia” ao vizinho. Cada um deve tratar os demais como um *senhor* ou uma *senhora*. De há muito que esta forma vocativa se banalizou também. Mas tem raízes de democratização de um tratamento que antes era privativo de nobres. A nobilitação dos comuns, das pessoas sem títulos, sem *sangue azul*, é operada pela igualdade entre os cidadãos. Ora esse fenómeno tende a inverter-se, porque o dinheiro e o poder de uns é capaz de inferiorizar muito outros. A riqueza e o poder que engendra é o hodierno substituto da linhagem. E há quem faça gala em mostrar que há uns *mais iguais que outros*<sup>4</sup>... Rousseau tinha muito bem visto que a boa sociedade teria que não ser afetada pelo poder do dinheiro e outros teres e haveres, num clássico pensamento: “Nul citoyen ne soit assez opulent pour en pouvoir acheter un autre, et nul assez pauvre pour être contraint de se vendre”<sup>5</sup>.

Mas as linhas de leitura não podem ser unívocas. Um excesso de rigidificação da vida social também é, em contrapartida, um sinal de alerta: sociedades não democráticas, como as muito hierarquizadas sociedades de corte<sup>6</sup>, aperfeiçoavam a etiqueta tanto mais quanto a sua decadência se aprofundava – dizem-no, curiosamente a

---

<sup>3</sup> CAMUS, Albert — *Caligula*, in *Théâtre, Récits, Nouvelles*, Paris, Gallimard, 1962, p. 7 ss. Uma descrição a nosso ver ainda mais impressionante da loucura criminosa do imperador em causa figura na obra de SUETÓNIO — *Caligula*, in *Vie des douze Césars*, trad. fr. e ed. de Henry Ailoud, ed. de Paris, Gallimard, Folio classique, reimp. 2022, p. 227 ss..

<sup>4</sup> ORWELL, George — *Animal Farm*, trad. port., *O Triunfo dos Porcos*, Lisboa, Perspectivas & Realidades, 1977

<sup>5</sup> ROUSSEAU, Jean-Jacques — *Du Contrat social*, II, 6.

<sup>6</sup> ELIAS, Norbert — *Die Hoefische Gesellschaft*, Darmstadt und Neuwid, Herman Luchterhand, 1969, trad. port. de Ana Maria Alves, *A sociedade de Corte*, Lisboa, Estampa, 1987.

propósito da corte de Filipe IV de Espanha, Rose-Marie e Rainer Hagen<sup>7</sup>, mas poderia aplicar-se a muitos outros casos.

Além disso, paralelamente à hierarquização e à etiqueta, não se pode esquecer, ao nível internacional, a diplomacia (antiquíssima) e ao nível tanto nacional como, a partir de certo momento, internacional também, o Direito. O Direito, em si mesmo, representa um patamar de civilização. O Direito Internacional Público (mas o Privado também, num certo sentido) é, por si só, um progresso civilizacional enorme<sup>8</sup>. E quanto mais é atacado, desrespeitado, ou simplesmente ignorado, mais decai a civilização global.

Mesmo sem democracia ou boas maneiras, a diplomacia e o Direito eram freios importantes (e o Direito com sanções, salvo o Direito Internacional mais antigo) à vontade de poder ou simplesmente à rudeza e ferocidade de voluntaristas, sobretudo com alguma força. A insolência, o desrespeito pelas instituições e pelas pessoas ainda que no não responder a uma comunicação, não ter um gesto de ajuda, são traços de um coração duro e de uma mente embotada, egoísta. Quando isso afeta grupos inteiros, em empresas, organizações em geral, ou Estados, pode contar-se com uma nuvem negra de mau relacionamento com os outros. A começar pelos subordinados e a terminar nos vizinhos mais distantes. E não esqueçamos, nós os de Língua Portuguesa, na importância especial da nossa forma de agradecimento, com “obrigado”<sup>9</sup>, o que nos singulariza no concerto das culturas.

## II. EDUCAÇÃO E CIVILIZAÇÃO

O problema é que, de alguns anos a esta parte, mesmo as sociedades democráticas internamente se foram esboroando, por falta de educação e de exemplo, deixando que a fibra ética, a compleição moral, se fossem distendendo. Anos de paz interna e prosperidade (apesar das desigualdades e das crises) no mundo Europeu ocidental e Norte-Americano, terão contribuído, de par com uma ideologia relativista

---

<sup>7</sup> HAGEN, Rose-Marie & Rainer — *What Great paintings Say. 100 Masterpieces in Detail*, Taschen. Bibliotheca Universalis, nova ed., Colónia, 2021, no capítulo sobre *Las Meninas*, de Velasquez.

<sup>8</sup> Cf. o nosso *Direito Internacional. Raízes & Asas*, Belo Horizonte, Forum, 2017, Prefácio de Marcílio Franca e Posfácio de Sérgio Aquino (ed. brasileira) ou o nosso *Repensar o Direito Internacional. Raízes & Asas*, Coimbra, Almedina, 2019 (ed. portuguesa).

<sup>9</sup> Cf., antes de tudo, a primeira edição definitiva de LAUAND, L. Jean — *Antropologia e Formas quotidianas - a Filosofia de S. Tomás de Aquino Subjacente à nossa Linguagem do Dia-a-Dia* (Conferência proferida na Universitat Autònoma de Barcelona, Dept. de Ciències de l'Antiguitat i de l'Estat Mitjana, 23-4-98), revista “Notandum”, vol. I, ed. online: [http://www.hottopos.com/notand1/antropologia\\_e\\_formas\\_quotidiana.htm](http://www.hottopos.com/notand1/antropologia_e_formas_quotidiana.htm) (revisada em 10 de março de 2025).

dominante, por vezes de um niilismo cínico, para essa fraqueza generalizada, que em alguns casos parece ter aspetos suicidas.

A incultura e má educação de alguns jovens vai de par com uma considerável demissão por parte das instituições escolares, por vezes vivendo na mais profunda alienação folclórica e burocrática, tapando o Sol com a peneira. A escola não consegue ver-se ao espelho como instituição. Apenas alguns dos seus membros, mais despertos.

O paradoxo é que há professores preparadíssimos e devotadíssimos ainda (embora o problema de falta de vocações docentes já se faça sentir ente nós), mas que não conseguem instruir nem educar suficientemente, por se ter instalado um clima geral de facilitismo e desinteresse.

Alguns docentes, mais descontentes e mais ativos, chegaram mesmo a procurar noutras latitudes o interesse dos estudantes e um mínimo de consideração social. Um professor, diz a lenda, é o único profissional que não teria que se curvar perante o Imperador do Japão<sup>10</sup>. Parece ser mito urbano, mas exprime a consideração e respeito que ainda há no Oriente pelos docentes. Igualmente nalguns lugares da América Latina (e quiçá em África) existe uma avidez de conhecimento que leva a que alunos percorram enormes distâncias para ir ouvir uma conferência, por vezes por caminhos difíceis e inóspitos. Tal nos foi relatado por um grande conhecedor da América Latina, o precocemente desaparecido José Calvo González, magistrado e professor, grande cultor da área do Direito & Literatura.

Sem educação, sem respeito, sem disciplina, sem projeto, sem valores, muitos não respeitam nada, e alguns detetam em muitos dos que cometem crimes não apenas uma falta de arrependimento (ou arrependimentos pouco convincentes, ou nada, apenas na mira de obterem uma atenuante), como, no limite, uma arreigada falta de padrões. O seu comportamento antinormativo decorre de uma desestruturação essencial ou pelo menos muito arreigada, que muitas vezes vem já da família, mas que a escola (com frequência desprezada e abandonada precocemente) não conseguiu endireitar. Mas teria a escola que ser mais folclórica ainda para poder captar a atenção dos desinteressados, para concorrer com o *brave new world* dos telemóveis e afins? É essa a tendência. Cada vez mais se concebem os professores, desde o jardim infantil, como animadores. Já William Hazlitt chamava a atenção para a possibilidade de a escola ser, de alguma

---

<sup>10</sup> Para uma contextualização, v.g., NAKAGAWA, Hisayasu — *Introduction à la culture japonaise: essai d'anthropologie réciproque*, trad. port. de Estela dos Santos Abreu, *Introdução à Cultura Japonesa. Ensaio de Antropologia Recíproca*, São Paulo, Martins Fontes, 2008.

forma, deseducadora (se pensarmos em alguns inquinamentos ideológicos, destas e daquelas bandas, sem dúvida, e mais ainda os que não são óbvios, mas sub-reptícios): “Learning is, in too many cases, but a foil to common sense; a substitute for true knowledge”<sup>11</sup>.

O resultado está à vista. Mesmo para os liceus, já o insuspeito António Sérgio, dos maiores verdadeiros pedagogos portugueses do séc. XX, dizia simplesmente isto, que hoje chocaria profundamente a mentalidade dominante, que não o entenderia, radicalmente: “Não há senão vantagem em dificultar o curso dos liceus e em só mandar para o ensino superior uma verdadeira elite”<sup>12</sup>. Hoje teríamos que traduzir, e até adaptar. Não se poderia levar essa máxima fio de espada, evidentemente. E decerto bastaria que não saíssem do Ensino Superior analfabetos ou analfabetos funcionais. Não conhecemos casos relatados em Universidades (embora conste que possa ocorrer muito deficiente preparação, até em literacia, sobretudo com estudantes que são muito apoiados nas suas atividades desportivas, por certo alguns campeões), mas ainda recentemente fomos confrontados com este parágrafo *lead*, na *Internet*: “Aleysha Ortiz, de 19 anos, se formou na Hartford Public High School em junho de 2024, mas afirma ser analfabeta funcional”<sup>13</sup>. Ignoramos, evidentemente, o resultado finalíssimo do pleito, nem isso muito nos preocupa, realmente. O que queremos sublinhar, por considerarmos significativo, é que hoje é concebível um tal processo. Com razão ou sem ela, há a possibilidade de tal questão subir aos tribunais. Acordar-se-á quando muitos mais processarem as respetivas escolas? Questão retórica apenas: não acontecerá uma proliferação de causas deste género. Trata-se de mais um sinal de alarme apenas.

Há meios em que o desrespeito mútuo é regra. E mesmo em ambientes mais seletos, como os recreios e corredores de algumas escolas até supostamente bem frequentadas, chegam a ouvir-se tratamentos entre alunos e alunas que, como diria o Prof. Higgins, na *My fair lady*, inspirada em Bernard Shaw, *poderiam fazer um marinheiro corar* (“You were a man of grace and polish who never spoke above a hush / now all at once you're using language that would a sailor blush”<sup>14</sup>).

---

<sup>11</sup> HAZLITT, William — *On the Ignorance of the Learned*, in *A Book of English Essays*, selec. de W. E. Williams, reimp., London, Penguin, 1987, reimp., London, Penguin, 1987, p. 145.

<sup>12</sup> SÉRGIO, António — *Carta a Ferreira de Macedo*, *apud* «Jornal de Letras», 1 de março de 1988, p. 19.

<sup>13</sup> <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/historia-hoje/o-motivo-inusitado-que-levou-estudante-processar-escola-nos-eua.phtml>, ultimamente consultado a 4 de março de 2025.

<sup>14</sup> <https://www.linguetic.co.uk/res2movies7a.html>, ultimamente consultado a 4 de março de 2025.

O palavrão passa a banalizar-se e já nem assim é considerado. Há uma cauterização de costumes. E as palavras são guardas avançadas destes.

A barbárie instala-se quando só se conhece o insulto, o labéu, a agressão, de mistura com a calúnia, e depois (ou entretanto) se passa mesmo ao *argumentum baculinum*.

A falta de diplomacia entre Estados, de etiqueta entre titulares de órgãos de soberania (e um mínimo de respeito pela veracidade: não pode valer tudo na luta pelo poder ou pela sua manutenção e alargamento), e de simples boa educação entre cidadãos (como crescentemente se evidencia nas redes sociais e quaisquer mensagens protegidas pelos *écrans* dos computadores) são sinais evidentes de que a civilização se afunda retumbantemente. E se o descer é rápido, a recuperação só poderá vir a ser muito lenta e penosa. Há como que uma inexorável lei da gravidade na educação: quer a que tem a ver com a instrução, quer a que releva das maneiras. Para baixo é sempre mais fácil.

### III.COMUNICAÇÃO E VERDADE

A grande janela do mundo em que se tornaram os meios de comunicação de massas, quer os tradicionais periódicos em papel, a rádio e a televisão, quer, principalmente, os sedeados na *Internet*, onde avultam as chamadas “redes sociais”, fez-nos conhecer a perigosíssima dimensão que adquire a rédea solta da palavra: não uma liberdade maior, porque desregulada ao extremo, mas uma profunda, essencial, subversão da liberdade (vera libertinagem), porque totalmente à mercê da fantasia, da intenção criminosa, da manipulação, por parte de uns, e também da simples ignorância, de outros, incapaz de discernir, crédula em tudo o que se lhes diz (sobretudo o mais bem *embrulhado*, ou o mais alto apregoado – ou gritado).

Umberto Eco chamou, em tempos, muito oportunamente, a atenção para os perigos da *Internet*, designadamente lançando um repto aos jornais e aos especialistas, para que corrigissem os inúmeros erros que aí pululam. Hoje seria necessário também desmentir as descaradas ou subtis mentiras, e ainda analisar os problemas dessa *hiperinternet* pretensamente omnisciente que é a Inteligência Artificial. Dizia ele então, nomeadamente:

“Foi nesse sentido que eu defendi recentemente que os jornais, em vez de se tornarem vítimas da internet, repetindo o que circula na rede, deveriam dedicar espaço

para a análise das informações que circulam nos sites, mostrando aos leitores o que é sério, o que é um *hoax*, por exemplo. Será que os jornais estão prontos pra isso? Seria preciso ter gente especializada em diversas áreas. Obviamente, sendo você um conhecedor de Aristóteles, você consegue reconhecer se um site é bom ou não, mas você não poderá fazer o mesmo com um site sobre teoria das cordas.”<sup>15</sup>

A *Internet* mudou claramente a comunicação pública (além da privacidade, que ela muitíssimo expõe – mas essa é ainda uma outra dimensão do problema civilizacional que enfrentamos). Permite a qualquer pessoa, sem barreiras, sem limites, sem escrutínio, dizer o que quiser, falsear o que quiser e como quiser, caluniar quem desejar, e convencer sempre um círculo (ou uma legião) de incautos se for um pelo menos razoável manipulador. Ou quiçá nem precise de o ser, porque a infantilidade em que a cultura e a educação dominantes nos mergulham está preparada para aceitar o mais errôneo e mirabolante. Jacques Attali sublinhava, não há muito<sup>16</sup>, precisamente essa realidade de filme de banda desenhada, de super-heróis, que profundamente infantilizaria (e assim vulnerabilizaria) as respetivas vítimas-consumidores, diríamos nós.

#### IV.TECNOLOGIA E AUTOCRACIA

Estes dados do problema, do nosso grande problema do momento (nomeadamente a dependência das massas frente ao consumismo tecnológico-mediático) dificilmente mudarão.

No que tange a utilização, cada vez mais alargada, de meios tecnológicos que interferem com a nossa visão do mundo e determinam o nosso comportamento como cidadãos, não apenas consumidores e eleitores (o que é muitíssimo), mas como Pessoas, só uma profunda revolução cultural, com grande metanoia pessoal, poderia salvar-nos. E tal não está no horizonte do previsível, pelo contrário. Por exemplo, o fim do numerário e a ascensão das criptomoedas, de par com a relevo mundial de empresas

---

<sup>15</sup> Apud Umberto Eco e a legião dos imbecis na internet, <https://www.fronteiras.com/leia/exibir/umberto-eco-e-a-legiao-dos-imbecis-na-internet> (ultimamente consultado a 2.3.2025).

<sup>16</sup> Cf. ATTALI, Jacques — *Contexte sans contexte*, vídeo <https://www.youtube.com/shorts/I130iMLEBx0> (ultimamente assistido em 2.3.25).



com orçamentos maiores que Estados, coloca-nos num cenário de ficção científica. Quiçá seja interessante e até necessário buscar aí inspiração para lidar com estes problemas. A previsível afetação de trabalhadores a empresas que lhes viriam a pagar em serviços e utilização de meios, e não em fungível numerário, naturalmente dá razão a um novo nome que se desenha já para o horizonte: *tecnofeudalismo*. E oscilamos em considerar o que viriam a ser os trabalhadores do futuro: não assalariados, mas entre escravos e servos da nova gleba, já não territorial.

O simples *homo sapiens sapiens* certamente está em vias de dar lugar a outro degrau da evolução. Duvidamos muito se se trata de um *upgrade*.

Acaba por ser (paradoxalmente?) do interesse dos autocratas e a tal candidatos que uma total ausência de responsabilização pelo que se diz e mostra deixe crescer as suas hostes de fanáticos e iludidos com as suas *fake news* e pós-verdades, que manipulam ao ponto de duvidarmos se eles, no fundo, em algo acreditam, ou apenas falam ao sabor do que julgam ser o conveniente. De um antigo político de relevo, cremos que francês e do séc. XIX, um colaborador próximo confessou algo como isto: “ele mente tanto, que nem o contrário do que diz seria fiável”. Uma das características até de discursos do poder contemporâneos é o seu caráter lacunoso, alusivo, metafórico, e bombástico, que a si próprio se desmente. Nalguns casos, as primeiras declarações sobre um tema ou uma medida são uma mera experimentação da reação da opinião pública, e virão a reafirmar-se, normalmente perante a contestação.

As narrativas de hoje podem ser mesclas monstruosas de meias-verdades, e o dizer-se e desdizer-se frequentíssimo. O problema é que se trata de práticas tão reiteradas que já poucos o detetam, escassos prestam atenção, e uma minoria ínfima se indigna.

Era normal, outrora, que os mentirosos comuns tivessem dificuldade em discernir a verdade, depois de tanta camuflagem e ficção, nomeadamente mentiras para sustentar outras mentiras. Hoje, com novos meios e outros públicos, mais alargados, não deverá ser diferente. Pelo contrário.

E assim o que se teme é que pessoas com altas responsabilidades pelas vidas de muitíssimos possam no seu íntimo não saber (e talvez nem querer saber) o que é a verdade. Pilatos é um aprendiz de feiticeiro perante o relativismo intrínseco, sempre mutável, de alguns. Vejamos o relato de São João Evangelista, e como, no caso, se trataria já de um governante que não se revelava capaz de se afirmar perante massas em transe, naturalmente já induzidas por *opinion makers*:

“37 “Então és rei?”, perguntou Pilatos.

Jesus respondeu: “Tens razão em dizer que sou rei. De facto, foi para isso que nasci. E vim para trazer a verdade ao mundo. Todos os que amam a verdade escutam a minha voz.”

38 “O que é a verdade?”, perguntou Pilatos. Tornando a sair ao povo, anunciou: “Ele não é culpado de crime algum.

39 Todavia, é vosso costume pedir-me que solte alguém da prisão todos os anos pela Páscoa.” E perguntou: “Então, não querem que vos solte o rei dos judeus?”

40 Mas eles, em alta gritaria, responderam: “Não! Não soltes este, mas sim Barrabás!” Barrabás era um salteador.”<sup>17</sup>

Perante isto, Pilatos curva-se diante da vontade das massas ululantes. Claro que há alguns autores que de algum modo pretendem desculpar o governador romano, nomeadamente enfatizando os seus esforços para tentar salvar Jesus. Mas, independentemente de não se negarem estes, a verdade é que, no final, *lava as mãos do sangue daquele Justo* que lhe cumpria julgar.

Autocratas que consigam ao mesmo tempo responder (alimentando) a pulsões primárias (nomeadamente inveja, ódio, vários recalcamientos) das massas, que saibam excitar esses fantasmas contidos pelas boas maneiras da democracia, que canalizem e capitalizem em seu favor os descontentamentos (quer em sociedades de facilitismo, em que as dificuldades foram aplanadas, quer em sociedades de salve-se-quem-puder, em que a multidão de ditos *losers* é enorme) terão um sucesso garantido.

Porque, do outro lado, do lado dos Estados de Direito, e da Democracia, pode haver já alguma confusão generalizada, alguma (ou já considerável) decadência, perda de nível, de competência, e, no limite, até, de maneiras. Mas, em geral, por escrúpulos éticos, por ao menos um resquício de ética republicana<sup>18</sup>, jamais os democratas conseguirão reverter eficazmente a situação jogando o mesmo jogo dos defensores da

---

<sup>17</sup> Jo., XVIII, 37-40.

<sup>18</sup> Cf., por todos, o nosso livro *Para uma Ética Republicana. Virtude(s) e Valor(es) da República*, Lisboa, Coisas de Ler, 2010.

ditadura, nas suas diferentes modalidades, historicamente conhecidas e em formas a inventar. Recordemos o velho lema nazi, que manda mentir, mentir sempre, porque dessa mentira alguma (ou muita) coisa fica. “Uma mentira dita mil vezes torna-se verdade” – frase atribuída a Joseph Goebbels, ministro da propaganda na Alemanha nazi. Tem tido discípulos fiéis.

Num tempo em que esta quinta coluna da mentira oprime as cabeças, envenena as fontes (para recordar um belo trecho de Leonardo Coimbra<sup>19</sup>) e conquista as consciências (ou a falta delas) desde tenra idade, a tentação de fuga (que alguns teorizam e sintetizam como “escapismo”) parece ser muito forte para quem, formado (por vezes nem se sabe bem como, mas não será de geração espontânea) no civismo, lisura, *fair play*, tolerância, respeito e dignidade, politicamente suscetíveis de tradução em apego à Democracia, sente o chão fugir-lhe debaixo dos pés.

E, contudo, é óbvio que, ou não há para onde fugir (ou parece que não haverá em breve), ou a sombra da catástrofe seguramente perseguirá os “desertores” até nos confins do universo.

O fenómeno é planetário. Será que pode haver resposta individual? Porque ripostar (ou simplesmente responder) planetariamente parece inviável e improfícuo – já que a loucura se instalou espontaneamente, em muitos casos (não tendo precisado sequer de esperar pela mão e a voz dos incendiários), só espontaneamente, em geral, haverá resistência. Ou melhor: espontaneamente, desde logo, por parte de cada um que compreenda o caminho que se leva e consiga agir, mas também, eventualmente, de forma articulada, tanto quanto se possa fazê-lo. Amigos, famílias, grupos, comunidades, aldeias, vilas, cidades, regiões, países, etc. Todos podem contribuir para travar o reino da mentira, da deseducação, da rudeza, da violência, da anti civilização que é também, sabemo-lo, antidemocracia.

Ler um poema, contemplar o voo de um pássaro<sup>20</sup>, nadar, andar de bicicleta, passear num bosque ou num jardim, respirar fundo e ver um nascer ou um por-do-sol

---

<sup>19</sup> COIMBRA, Leonardo — *A Questão Universitária*, pp. 16-17, in *Obras de...*, seleção, coordenação e revisão de Sant’Anna Dionísio, Porto, Lello & Irmão, 1983, 2 vols.

<sup>20</sup> E, num sentido muito lato, poético, BARTILOTTI, Francisca — *A Observadora de Pássaros*, Barreiro / Cotia, Urutau, 2024.

(andar e viajar, em geral<sup>21</sup>), ou até pintar ou fazer um bom regulamento – mas bom mesmo, não mais um enredar de burocratização (relembrando o que escreveu um dia Montesquieu num exemplo seguro de efetivação do valor Justiça: «(...) j'ai toujours senti une joie secrète lorsqu'on a fait quelque règlement qui allât au bien commun»<sup>22</sup>) são formas de resistência, entre milhões de outras. É um modo de vida normal que está em causa. É preciso recuperar a gratuidade das coisas, a sua lentidão essencial, enfim, recuperar também os prazeres ditos inúteis, mas na verdade utilíssimos para o que mais importa<sup>23</sup>.

Se dependeres menos do teu telemóvel, do teu automóvel, da tua televisão, do teu computador... não estás (de modo nenhum) a aprender a ser selvagem, ou a prescindir dos “benefícios da civilização” material. Se isso significar ganhar tempo, ganhar vida, ganhar conversa e afetos, laços significativos, estás a investir em felicidade, e, portanto, em melhoramento da civilização e no recuo da tecnodependência e do tecnofeudalismo.

## V. CAMINHOS DE SERVIDÃO?

Uma coisa que fará muito bem à civilização e à resistência pró-civilização é estudar, estudar bem, estudar com gosto, e estudar não apenas fórmulas utilitárias, mas estudar também essas maravilhosas matérias que aparentemente não valeriam de nada, mas afinal são das que mais importam, servindo, antes de mais, para a formação.

Sabemos bem que houve situações em que algumas pessoas cultas pactuaram, ou mesmo terão sido, torcionários, assassinos, entes desumanos, até monstruosos, provando que a cultura, mesmo a mais excelsa cultura humanística, não nos afasta sempre da barbárie, por si só. O caso de requintados nazis que tinham gostos culturais e instintos de torcionários nos baste, mas poderíamos recuar a tantos a quem, desde logo, a escravatura não comoveu. Embora nem sempre os que são proverbialmente apontados

---

<sup>21</sup> Cf., v.g., KAAGE, Erlng — *A Arte de Caminhar: Um Passo de cada vez*, trad. port. de Miguel de Castro Henriques, Lisboa, Quetzal, 2018; THEROUX, Paul — *A Arte da Viagem*, trad. port. de José António Freitas da Silva, Lisboa, Quetzal, 2021.

<sup>22</sup> MONTESQUIEU — *Pensées*, CCXIII.

<sup>23</sup> KIERAN, Dan / HODGKINSON, Tom — *O Livro dos Prazeres Inúteis*, trad. port. de Vasco Teles de Menezes, Lisboa, Quetzal, 2022.

a dedo, por exemplo na Grécia Antiga, ou nos EUA antes da Guerra Civil. Normalmente há subtilezas no pensamento de pessoas em geral subteis, mesmo que pesem sobre si os preconceitos do seu tempo. Como sobre nós pesam os do nosso tempo: felizmente um pouco plurais já...

Contudo, se para alguns o conhecimento e mesmo uma vivência em ambiente ilustrado não afastam do mal, da vilania, certamente outros serão capazes de ver a contradição, e de aprender alguma coisa com a História. Como se tem vilipendiado Cícero e a sua tese de que ela é mestra da vida! *Historia vero testis temporum, lux veritatis, vita memoriae, magistra vitae, nuntia vetustatis, qua voce alia nisi oratoris immortalitati commendatur?*<sup>24</sup> Poderá, na verdade, a História não ser mestra da vida para grandes movimentos, afinal desalmados ou tresloucados. Certamente que o é, todavia, para gentes de boa vontade. Mesmo que não tenham a oportunidade de contribuir eficazmente para que a História se afaste de voltar a trilhar erros do passado.

Quando, nos anos 50 do séc. XX, em *A Natureza da Cultura*, o antropólogo Alfred Louis Kroeber já via muito má preparação, designadamente histórica, nos estudantes estadunidenses, cremos que estava decerto a incubar uma preocupação sobre como seriam recebidos os ensinamentos etnológicos e sociológicos sem esse chão de conhecimento historiográfico prévio fundamental: como seriam, certamente, sementes lançadas a um solo infértil. E quiçá mais que não darem frutos, o problema maior afigura-se-nos se frutificaram, mas de forma errada, produzindo monstruosidades teóricas, interpretativas, ideológicas.

Iríamos mais longe, aproveitando a boleia inspiradora: uma intelectualidade que não se nutra de cultura em profundidade, será a sua própria negação. E não havendo uma intelectualidade suficientemente ativa, corajosa, empenhada, faltará uma vanguarda do espírito (não está proibido usar a expressão *vanguarda*, se depurada de sentidos que já passaram de moda). A propósito, relembremos um discurso interventivo de Ruy Belo em tempos de ditadura, cremos que num comício ou sessão de esclarecimento da CEUD, por que aceitaria até, por civismo, candidatar-se em eleições (que se sabia de

---

<sup>24</sup> CÍCERO — *De Oratore*, II, 36.

antemão fraudadas): poderia ele comodamente quedar-se entre livros e poemas politicamente anódinos, mas isso seria falta de coragem<sup>25</sup>.

Os intelectuais têm de ter uma certa instrução e uma certa educação, como sublinhava José Régio, num dos seus primeiros artigos de intervenção cívica:

“Há em todos os lugares cultos da terra – poderia ter dito civilizados, interpolamos nós – uns certos homens que, possuindo uma certa instrução e uma certa educação, se interessam pelas coisas do entendimento e da sensibilidade. A tais homens é costume chamar-se intelectuais”<sup>26</sup>.

Mas esse interesse por coisas do entendimento e da sensibilidade não pode ser como a dos geómetras e astrónomos de Lapúcia, das *Viagens de Gulliver*<sup>27</sup>. Tem de ter pés na terra e saber ser civicamente empenhado. Talvez por isso, decerto com muito exagero, mas não sem um tudo-nada de razão, alguns viram no *Vai dizer-lhes que não!* de Régio uma certa forma de escapismo. Mas não o cremos. Sabemos que ele próprio teve alguma intervenção, e disso designadamente o volume das prosas de Portalegre, em nota citado, dá testemunho – até fotográfico também.

As ditaduras, como os infernos, são muito criativas. Já não as descrições dos paraísos, como observou com argúcia George Steiner<sup>28</sup>. Nunca seremos suficientemente imaginativos para antecipar as novas formas de ditadura, ou mesmo de fascismo, como assinalou Rob Riemen<sup>29</sup>. Sobre este assunto, há hipocrisia de uns e ingenuidade e rigorismo nominalista de outros. É óbvio que Mussolini não irá ressuscitar nem a sua *entourage* e *décor* ideológicos. Mas o que significou, os interesses que defendeu e as formas de demagogia e violência que pôs em prática, sob outras roupagens, com outra

---

<sup>25</sup> Para o contexto de posições como a de Ruy Belo, e a ele se referindo com importantes contributos, cf. REVEZ, Jorge — *Os «Vencidos do Catolicismo» - Militância e atitudes críticas (1958-1974)*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2009.

<sup>26</sup> RÉGIO, José — *A Democracia, os Intelectuais e o Povo*, in “A Rabeca”, n.º 1357, 14 de novembro de 1945, in ex in *Idem, Escritos de Portalegre*, recolha, introdução e notas de António Ventura, Portalegre, ed. da revista “A Cidade”, 1984, p. 31.

<sup>27</sup> SWIFT, Jonathan — *Gulliver's Travels*, London, Chancellor Press, 1985. Na nossa ed. Portuguesa, *Idem — Viagens de Gulliver*, 4.ª ed. port., Lisboa, Portugália, 1969, p. 116 ss.

<sup>28</sup> STEINER, George — *In Bluebeard's Castle (Some notes towards the redefinition of Culture)*, trad. port. de Miguel Serras Pereira, *No Castelo do Barba Azul. Algumas notas para a redefinição da Cultura*, Lisboa, Relógio D'Água, 1992.

<sup>29</sup> RIEMEN, Rob — *De eeuwige terugkeer van het fascisme*, trad. port. de Maria Carvalho, *O Eterno Retorno do Fascismo*, trad. port., Lisboa, Bizâncio, 2012.

cor local, é evidente que não só podem voltar, como até já estão aí, esperando *marchas sobre Roma*, para quem queira ver e o saiba pelos sinais interpretar. Por isso, podemos dizer que (como outros, antes de nós), realmente, existe um *fascismo eterno*. A expressão pode contar. Já Tocqueville se preocupava com nomear o crescendo totalitário que via no futuro, como que profeticamente:

*Je pense donc que l'espèce d'oppression, dont les peuples démocratiques sont menacés ne ressemblera à rien de ce qui l'a précédée dans le monde ; nos contemporains ne sauraient en trouver l'image dans leurs souvenirs. Je cherche en vain moi-même une expression qui reproduise exactement l'idée que je m'en forme et la renferme ; les anciens mots de despotisme et de tyrannie ne conviennent point. La chose est nouvelle, il faut donc tâcher de la définir, puisque je ne peux la nommer*<sup>30</sup>.

Não disputemos sobre palavras. Sentimos a pressão, sentimos a ameaça. Fascismo ou outro nome são apenas rótulos, que remetem, em alguns casos, para realidades mais ou menos ameaçadoras. Importa é não branquear de forma nominalista as diversas forças e possibilidades de poder que evidentemente colocariam em sério risco a Democracia. Felizmente também há uma *democracia eterna*! Era evidentemente irónico Eduardo Lourenço quando escreveu o artigo “O Fascismo nunca existiu”, que daria nome a um livro notável<sup>31</sup>. E mesmo este título é já uma advertência, por si só.

Uma das facetas, uma das faces, da górgona totalitária moderna, foi magistralmente descrita também por Alexis De Tocqueville, no seguimento da sua dificuldade classificatória ou de nomenclatura já referida. Permitimo-nos citar apenas uma passagem, mas seria importante ler todo o capítulo, ao menos.

Antes de mais, o terreno é o da fragilidade de cidadãos, dependentes, amolecidos, consumidores sobretudo, ignorando o que transcenda o seu pequeno círculo pessoal e egoístico, sem laços de comunidade:

---

<sup>30</sup> TOQUEVILLE, Alexis — *De la Démocratie em Amérique*, II, 6.

<sup>31</sup> LOURENÇO, Eduardo — *O Fascismo nunca Existiu*, Lisboa, Dom Quixote, 1976.

*Je veux imaginer sous quels traits nouveaux le despotisme pourrait se produire dans le monde : je vois une foule innombrable d'hommes semblables et égaux qui tournent sans repos sur eux-mêmes pour se procurer de petits et vulgaires plaisirs, dont ils emplissent leur âme. Chacun d'eux, retiré à l'écart, est comme étranger à la destinée de tous les autres : ses enfants et ses amis particuliers forment pour lui toute l'espèce humaine ; quant au demeurant de ses concitoyens, il est à côté d'eux, mais il ne les voit pas ; il les touche et ne les sent point ; il n'existe qu'en lui-même et pour lui seul, et, s'il lui reste encore une famille, on peut dire du moins qu'il n'a plus de patrie.<sup>32</sup>*

Muito acima das formiguinhas humanas, eleva-se o Leviatã moderno, com mil e uma atividades. E não se trata apenas, evidentemente, do *Estado providência*. Qualquer Estado de hoje é uma máquina enorme, muito complexa e burocrática, de que o cidadão depende imensamente:

*Au-dessus de ceux-là s'élève un pouvoir immense et tutélaire, qui se charge seul d'assurer leur jouissance et de veiller sur leur sort. Il est absolu, détaillé, régulier, prévoyant et doux. Il ressemblerait à la puissance paternelle si, comme elle, il avait pour objet de préparer les hommes à l'âge viril ; mais il ne cherche, au contraire, qu'à les fixer irrévocablement dans l'enfance ; il aime que les citoyens se réjouissent, pourvu qu'ils ne songent qu'à se réjouir. Il travaille volontiers à leur bonheur ; mais il veut en être l'unique agent et le seul arbitre ; il pourvoit à leur sécurité, prévoit et assure leurs besoins, facilite leurs plaisirs, conduit leurs principales affaires, dirige leur industrie, règle leurs successions, divise leurs héritages,*

---

<sup>32</sup> TOQUEVILLE, Alexis — *De la Démocratie em Amérique*, II, 6.



*que ne peut-il leur ôter entièrement le trouble de penser et la peine de vivre ?*

*C'est ainsi que tous les jours il rend moins utile et plus rare l'emploi du libre arbitre ; qu'il renferme l'action de la volonté dans un plus petit espace, et dérobe peu à peu à chaque citoyen jusqu'à l'usage de lui-même.<sup>33</sup>*

O resultado para o conjunto da sociedade é em grande medida sufocante. E pessoalmente continuamos a pensar que o autor d' *O Antigo Regime e a Revolução* terá tido em mente tipo-ideal novo bastante generalizado, não fazendo necessariamente apenas um elogio tácito de uma velha ordem de *laissez faire*:

*Après avoir pris ainsi tour à tour dans ses puissantes mains chaque individu, et l'avoir pétri à sa guise, le souverain étend ses bras sur la société tout entière ; il en couvre la surface d'un réseau de petites règles compliquées, minutieuses et uniformes, à travers lesquelles les esprits les plus originaux et les âmes les plus vigoureuses ne sauraient se faire jour pour dépasser la foule ; il ne brise pas les volontés, mais il les amollit, les plie et les dirige ; il force rarement d'agir, mais il s'oppose sans cesse à ce qu'on agisse ; il ne détruit point, il empêche de naître ; il ne tyrannise point, il gêne, il comprime, il énerve, il éteint, il hébète, et il réduit enfin chaque nation à n'être plus qu'un troupeau d'animaux timides et industriels, dont le gouvernement est le berger.<sup>34</sup>*

Já foi dito, mas importa pô-lo em evidência e tirar consequências práticas: só robustecendo muito a couraça de conhecimentos dos cidadãos e o escudo do seu sentido crítico se ganhará a lança do protagonismo futuro de uma política da razão e da verdade,

---

<sup>33</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>34</sup> *Idem, Ibidem.*

vencendo a velha, mas sempre renovada, guerra contra a ignorância, o preconceito, a mentira, a loucura e a perfídia.

Um dos vetores negativos na retórica dos defensores de formas menos civilizadas de existência, ou seja, desde logo, menos juridicamente garantidas e menos democraticamente vividas, é a panaceia do “salvador”, um dos grandes mitos políticos<sup>35</sup>. Contudo, os países não precisam de salvadores, até porque estes (por norma) não são mais que fatores de instabilidade, confusão, ou de mão de ferro aos lemes dos Estados. Vários o têm visto. Por exemplo, para Portugal (mas poderia ser outro país), Raul Proença:

“Portugal não precisa de salvadores; precisa de educadores, e o seu futuro está no *civismo* como predominante da educação e na *República* como forma de governo, humana, racional e progressiva”<sup>36</sup>.

Do mesmo modo, afirma Ana de Castro Osório: “Não precisamos de um homem salvador, precisamos de muitos, que queiram trabalhar e pelo trabalho levantar a Pátria.”<sup>37</sup>

Comecemos então por dois eixos fundamentais do civismo, e do seu aprofundamento pessoal:

a) mudar a vida numa perspetiva de plena assunção de responsabilidades e de libertação de peias;

---

<sup>35</sup> Cf., v.g., BERCE, Yves-Marie — *Le roi caché. Sauveurs et imposteurs. Mythes politiques populaires dans l'Europe moderne*, Paris, Fayard, 1990 ; RESZLER, André — *Mythes politiques modernes*, Paris, P.U.F., 1981 e o nosso artigo *Mito e Ideologias. Em torno do Preâmbulo da Constituição*, in “Vértice”, II série, n.º 7, outubro de 1988, Lisboa, p. 25 ss. Além do nosso livro *Teoria da Constituição*, vol. I. *Mitos, Memórias, Conceitos*, Lisboa, Verbo, 2002.

<sup>36</sup> PROENÇA, Raul — *Cidadania*, in “O Republicano”, n.º 2, 21 de julho de 1908, in *ex in Polémicas*, org., prefácio e cronologia de Daniel Pires, Lisboa, Dom Quixote, 1988, p. 168.

<sup>37</sup> OSÓRIO, Ana de Castro — *A Minha Pátria*, ed. de Sintra, Colares Editora, 2008, p. 92.

b)mudar a educação (ainda que isso possa ter de começar também por autodidatismo), compreendendo que ao fazê-lo se estão a adquirir armas para entender o mundo, e

c)conseguir transformá-lo num sentido de grandes valores e grandes sonhos coletivos.

Quanto à República, não se trata de um sentido fraco de “república”, nem como mera coisa pública (*res publica*), nem como simples ausência de rei. República é, sobretudo, vivência da ética republicana, ou seja, dos seus valores e virtudes<sup>38</sup>.

Tudo já foi pensado e escrito, *mutatis mutandis*. Atentemos, por exemplo, neste passo da oração fúnebre proferida por Péricles, conforme as palavras com que a recordou e imortalizou Tucídides<sup>39</sup> :

“E efetivamente preferimos o repouso e o sossego quando não estamos obrigados, por necessidade, ao exercício de trabalhos penosos e, também, ao exercício dos bons costumes, a viver sempre com o temor das leis; de forma que não nos expomos ao perigo quando podemos viver tranquilos e seguros, preferindo a força da lei ao ardor da valentia.

Temos a vantagem de não nos preocupar com as contrariedades futuras. Quando chegam estas, enfrentamo-las com boa têmpera, como os que sempre estiveram acostumados com elas.

Por estas razões e muitas mais ainda, a nossa cidade é digna de admiração. Ao mesmo tempo em que amamos simplesmente a beleza, temos uma forte predileção pelo estudo. Usamos a riqueza para a ação, mais que como motivo de orgulho, e não nos importa

---

<sup>38</sup> Para mais desenvolvimentos, v.g., os nossos *Para uma Ética Republicana*, cit., e *O Essencial sobre a I República e a Constituição de 1911*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011.

<sup>39</sup> TUCÍDIDES — *História da Guerra do Peloponeso*, II, 36-42.

confessar a pobreza, somente considerando vergonhoso não tratar de evitá-la.

Por outro lado, todos nos preocupamos de igual modo com os assuntos privados e públicos da pátria, que se referem ao bem comum ou privado, e gentes de diferentes ofícios se preocupam também com as coisas públicas.

Nós consideramos o cidadão que se mostra estranho ou indiferente à política como um inútil à sociedade e à República.”.

Começemos por aqui. Inúmeras são as lições.

## VII. DUAS PERSPETIVAS

Evidentemente que em toda esta oposição, entre valores e anti valores, entre virtudes e vícios, entre democracia e ditadura, entre respeito e desrespeito, entre dignidade e indignidade, entre crime e Direito, entre a defesa da Pessoa e a mera entronização do poder e do dinheiro (outra forma de poder), entre a Civilização e a barbárie, pressupõe, ainda que surdamente, em pano de fundo, algumas convicções profundas e determinantes. Antes de mais, há uma narrativa-tipo (aqui tem de se usar a expressão “narrativa” – tão mal utilizada hoje –, com propriedade), que é partilhada por uns e outra narrativa-tipo que domina outros.

Uns (personalidades despóticas, autocráticas, ditatoriais, ainda que sejam simples cidadãos comuns, mas cheios de agressividade e ganância) estão convencidos de que o mundo funciona segundo uma certa versão impiedosa e pouco matizada da seleção natural. Confundindo poder e muitas vezes mera sorte com mérito, tiram conclusões morais para o triunfo (imoral, diríamos nós) de uns à custa do sacrifício de outros. Os outros não são mais que objetos, dos quais o próprio tira vantagens, em todos os aspetos, não havendo limites para a sua agressão e exploração. Por isso é que Kant, como bem se sabe, na *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, chamou a atenção

para (num dos aspetos do seu imperativo categórico) a necessidade de considerar as pessoas como um fim em si e não as instrumentalizar como simples meios: "Handle so, dass du die Menschheit sowohl in deiner Person, als auch in der Person eines jeden anderen jederzeit zugleich als Zweck, niemals bloß als Mittel brauchest."<sup>40</sup>

Outros, em que veremos os democratas, os defensores do Direito, dos Direitos Humanos, da Ecologia (porque também deve haver uma democracia da Terra e intergeracional), da diplomacia, do bom trato social, da prudência, da dignidade das Pessoas, de todas as Pessoas, estão persuadidos de que a felicidade dos outros é importante. E os mais excelentes de entre estes creem mesmo que a sua maior felicidade é a de poder contribuir para o bem comum. São capazes de admitir algum prejuízo pessoal (algum: demasiado seria um altruísmo por vezes do tipo da santidade, mas outras vezes erro, por falta de discernimento, uma vez, ou de caridade para consigo próprio, algumas outras) em nome de um necessário e justificado bem de outros. Pensam estes que a sociedade precisa de ser equilibrada, moderada e justa, o que quer dizer que cada qual tem de ter o que lhe é devido (*suum cuique*), e, no limite, o que lhe é devido pelo simples facto de ser Pessoa.

Há, assim, concepções antropológicas profundamente diferentes num caso como no outro. Uns são pessimistas antropológicos e tiram a conclusão de que deve prevalecer o mais forte, num mero salve-se-quem-puder, em que não há verdadeiramente Lei. A própria lei jurídica só será para cumprir se for no interesse próprio.

Os outros podem ser otimistas antropológicos (como o célebre Rousseau do “bom selvagem”) mas, curiosamente, também podem ser pessimistas. Neste caso, porém, concluem diferentemente dos primeiros: pois que o Mundo é luta, pois mesmo que a Humanidade esteja cheia de imperfeições éticas, há que lutar não com as armas de toda essa maldade, mas com armas limpas, com a força da razão e não com a razão da força. Sem deixar de travar, necessariamente, os combates para que sejam chamados, sem cobardia, mas com dignidade e com esperança em melhorar, o Mundo e o Homem. Cada batalha ganha com frontalidade e jogo limpo é uma enorme vitória contra a força bruta, ou a intriga e a mentira. O problema é se tal ética não vier a ser suficiente nem

---

<sup>40</sup> KANT, Immanuel — *Grundlegung zur Metaphysik der Sitten* (1785), BA 67.

premiada pela *Fortuna*. Pensar que fazer o bem e agir bem sempre compensa é uma ingenuidade enorme e suicida, desmentida pela História. Sabemos bem do fim dos “profetas desarmados”. Sobre a questão, bem cunhada por Maquiavel, vale a pena recordar esta passagem:

“Perché, oltre alle cose dette, la natura de’ populi è varia; ed è facile il persuadere loro una cosa, ma è difficile fermarli in quella persuasione; e però conviene essere ordinato in modo che, quando e’ non credono più, si possa fare loro credere per forza. Moisè, Ciro, Teseo e Romulo non arebbono possuto fare osservare loro lungamente le loro costituzioni se fussino stati disarmati: come ne’ nostri tempi intervenne a fra’ Girolamo Savonerola [19]; il quale ruinò ne’ sua ordini nuovi, come la moltitudine cominciò a non credergli; e lui non aveva modo a tenere fermi quelli che avevano creduto, né a far credere e’ discredenti. Però questi tali hanno nel condursi gran difficoltà, e tutti e’ loro pericoli sono fra via e conviene che con la virtù li superino: ma superati che gli hanno, e che cominciano ad essere in venerazione, avendo spenti quelli che di sua qualità li avevano invidia [20] rimangono potenti, securi, onorati, felici”<sup>41</sup>.

Não se pode ignorar que algumas grandes confrontações, no passado, dão esperança de que compensa o bom lado, compensa a boa forma de agir. Mas a interrogação não deixa de colocar-se: será que a História sempre dará razão ao lado da Civilização? É uma angústia, porém, que não pode fazer esse lado esmorecer. Tem de se agir como se estivesse já escrito nas estrelas o triunfo do Direito, da Democracia, da Dignidade, do Humanismo. Caso contrário, os inimigos das sociedades abertas<sup>42</sup> já ganharam, mesmo antes de terem ganho. Porém, a esperança não pode ser álibi para laxismo, havendo que assegurar-se do advento de melhores tempos fazendo por isso.

---

<sup>41</sup> MACHIAVELLI — *Il Principe* (1532), introd. de Nino Borsellino, 2.<sup>a</sup> ed., Roma, Newton & Compton, 2003, VI, 18-20, pp. 42-43.

<sup>42</sup> Em sentido muito lato, evidentemente, e recordando apenas o título de POPPER, Sir Karl R. — *The Open Society and its Enemies* (1957, revista em 1973), trad. port. *A Sociedade Aberta e seus Inimigos*, Belo Horizonte, São Paulo, Editora da Universidade de S. Paulo/Editora Itatiaia, 1974.

A questão de antropologia filosófica aqui envolvida afigura-se-nos impossível de resolver. Completamente aporética, num certo sentido. Sempre de um lado e do outro se poderão enunciar variadíssimos argumentos, com esta ou aquela *auctoritas*. Pessoalmente, sem retirar elevação e interesse à disputa filosófica em pano de fundo, cremos que o mais importante é uma opção ética, um corte do nó Górdio moral, declarando-nos por um lado, uma vez que consideramos que a natureza humana não é boa nem má, mas moldável conforme as influências sociais exógenas e as determinações e decisões endógenas de pessoas e grupos. E igualmente pensamos que a História não está predestinada, sendo fruto do que se for fazendo.

E mesmo que se conseguisse provar aquele adágio grego que assegurava serem os Homens maus, ainda assim uma crença muito difundida (apesar de tudo) na liberdade humana como livre arbítrio (com fundamento religioso e laico) levaria a que se pudesse escolher, devendo-se optar não por sermos uma Humanidade rebaixada aos mais vis instinto e pulsões, mas com aspirações a grandeza, e a maior grandeza resume-se na conquista da Dignidade. Uma Dignidade que, de forma realista, não enjeita a Força, como o Direito não recusa a coação, mas que sobretudo, com prudência, com criatividade, aspira a sociedades nacionais e uma ordem internacional de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Só se houvesse um futuro negro predestinado é que se poderia considerar não valer a pena continuarmos a esforçar-nos por um Mundo melhor e por uma melhor Humanidade. Nisso não queremos crer.

E mesmo que assim fosse, restava a honra de ter tentado contrariar essa inevitabilidade. E a felicidade de se ter feito o que deveria ser feito. Sendo dignos de milhares e milhões de outros, pelo Mundo fora, pelos séculos e séculos, que agiram acreditando que o seu sacrifício valera a pena.

Evidentemente que sacrifícios é coisa que não querem muitos. Vivemos em sociedades em que, a par das necessidades reais e da pobreza, por vezes extrema, há um acomodamento de muitos, não apenas abastados, ou mesmo de médias posses. Também alguns outros vivem numa dependência de subsídios, em alguns países, contabilizando certos, assumidamente, que mais lhes vale essa existência ociosa que o dispêndio de energia e também de gastos, nomeadamente em transportes para ir trabalhar, creches

para os filhos, lares para os familiares idosos, etc. São problemas a ponderar, sobretudo se pensarmos que há muita gente que não gosta do seu trabalho, e em que sofre, por exemplo, vários assédios. Mas em geral é, evidentemente, muito complicado pensar-se que há sociedades que convivem com bolsas maiores ou menores de pessoas válidas que não procuram, antes recusam emprego. Naturalmente, do ponto de vista eleitoral, podem ser massas mobilizáveis para projetos que as saibam suficientemente seduzir.

Seja como for, sem alguns, ao menos, é muito difícil sequer conseguir preservar o que se alcançou. A hoje tão referida “zona de conforto” pode matar a alma. Como diz o Conde, no *Cid*, de Corneille: *A vaincre sans péril on triomphe sans gloire*<sup>43</sup>. Uma tirada muito repetida, mas que já vem do estoico Séneca: *Ignominiam judicat gladiator cum inferiore componi, et scit cum sine gloria vinci qui sine periculo vincitur.*»<sup>44</sup>

A glória de que se trata não é a “glória de mandar” e “vã cobiça” de que fala o Velho do Restelo em Camões<sup>45</sup>. É, pelo contrário, uma característica intrínseca da ação justa, ética, que corresponde à concretização de um valor. Glória não fátua, de fama vã, mas outro nome de ação valiosa. Interessante é que muitas ações nefastas, criminosas, quando bem-sucedidas e empreendidas em grande escala, parece nobilitarem os seus perpetradores aos olhos dos fascinados. Voltaire foi dos que o viram e verberaram. Os feitos justos são muitas vezes silenciosos, recatados. O que não significa que não possam ter enorme repercussão. E por vezes também há grandes feitos, retumbantes. Mas os seus autores não se ensoberbecem. Na concretização dos valores ético, como dos estéticos, há (retomando Kant para os valores estéticos), uma “satisfação desinteressada”<sup>46</sup>.

Recebido para publicação em 10-03-25; aceito em 22-03-25

---

<sup>43</sup> CORNEILLE, Pierre — *Le Cid*, II, 2, 435.

<sup>44</sup> SÉNECA — *De Providentia*, I, 3.

<sup>45</sup> CAMÕES, Luís Vaz de — *Os Lusíadas*, IV, XCV.

<sup>46</sup> HESSEN, Johannes — *Filosofia dos Valores*, tradução portuguesa de Luís Cabral de Moncada, nova ed., Coimbra, Almedina, 2001.